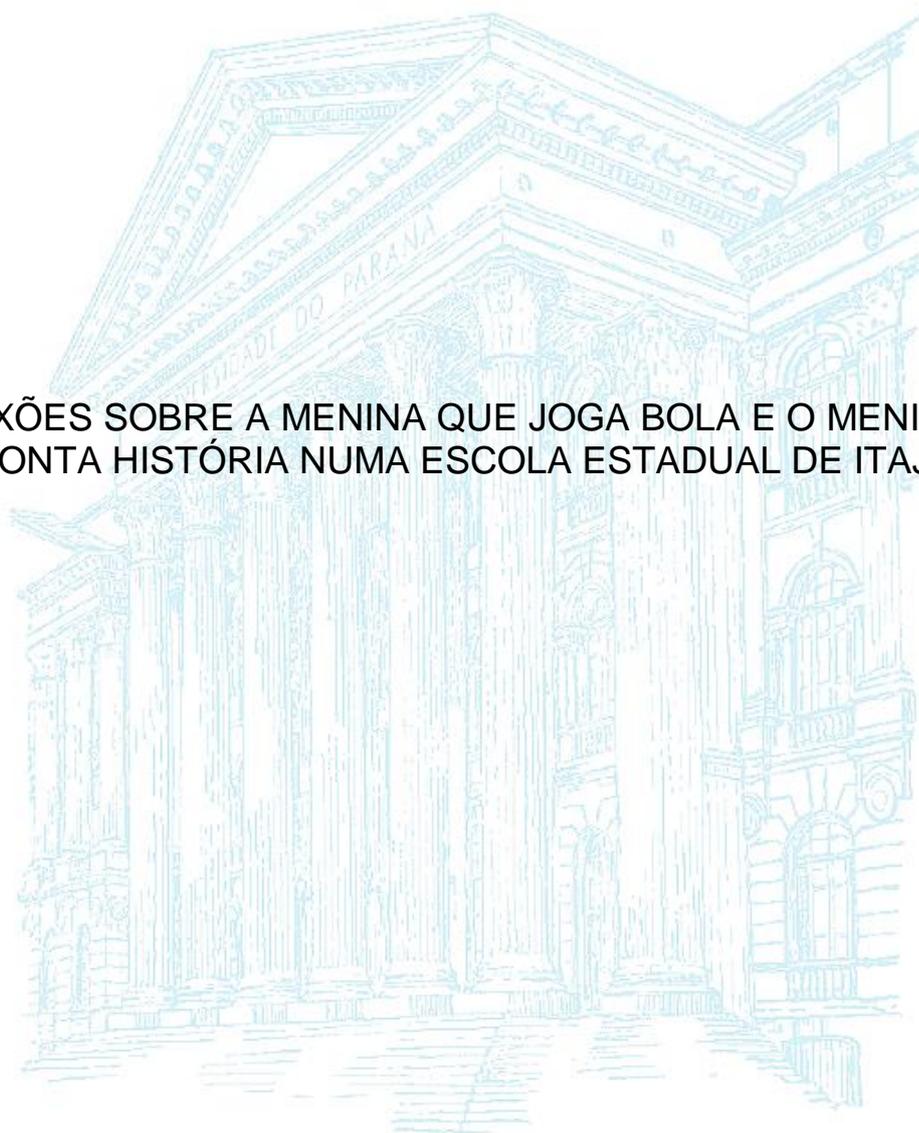


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARINA SANCHES DE OLIVEIRA

REFLEXÕES SOBRE A MENINA QUE JOGA BOLA E O MENINO QUE
CONTA HISTÓRIA NUMA ESCOLA ESTADUAL DE ITAJAÍ



ITAJAÍ
2016

REFLEXÕES SOBRE A MENINA QUE JOGA BOLA E O MENINO QUE CONTA HISTÓRIA NUMA ESCOLA ESTADUAL DE ITAJAÍ

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof^a. Nadia T. Covolan

ITAJAÍ
2016

REFLEXÕES SOBRE A MENINA QUE JOGA BOLA E O MENINO QUE CONTA HISTÓRIA NUMA ESCOLA ESTADUAL DE ITAJAÍ

Marina Sanches de Oliveira¹
Nadia T. Covolan²

Resumo:

Descreve-se e analisa-se neste trabalho a questão de gênero no espaço escolar. Aborda-se a separação dos gêneros no espaço escolar, bem como questionam-se práticas pedagógicas, a partir da observação dos comportamentos dentro e fora da sala de aula e nos pátios escolares. Este trabalho foi desenvolvido em uma turma do 7º ano do ensino fundamental, focando-se na desconstrução de preconceitos. Elaborou-se um questionário e, após, um debate com estudantes adolescentes, meninos e meninas, relacionando-se atividades, cores, brincadeiras, atitudes e falas consideradas por eles e elas, como tipicamente masculinas ou femininas. Após, procedeu-se a análise dos dados colhidos, que foram cotejados com a literatura pertinente. Os resultados apontam para a necessidade de discutir o sexismo na sociedade e na escola, a questão de gênero, as diferenças, a desigualdade e a tolerância, afirmando-se que meninos e meninas podem e devem fazer as mesmas atividades. Demonstra-se a consistência de paradigmas que a sociedade molda diferenciando atividades de meninos e meninas e assim, a importância da reflexão das práticas pedagógicas para a busca de uma cultura de paz entre os sexos e por conseguinte na sociedade, a partir da infância e adolescência.

Palavras-chave: Gênero, Comportamento, Escola

Abstract:

It is described and analyzed in this paper the gender issue at school. Deals with the separation of the sexes at school and wonders pedagogical practices, from the observation of behaviors inside and outside the classroom and on school grounds. This study was conducted in a group of 7th grade of elementary school, focusing on the deconstruction of prejudices. It drafted a questionnaire and, after a debate with adolescent students, boys and girls, linking up activities, colors, jokes, attitudes and speeches for them and considered them as typically male or female. After, we proceeded to the analysis of collected data, which were compared to the literature. The results point to the need to discuss sexism in society and at school, the issue of gender differences, inequality and tolerance, asserting that boys and girls can and should do the same activities. Demonstrates that consistency paradigms that society casts differentiating boys and girls activities and thus the importance of reflection of pedagogical practices in the search for a culture of peace between the sexes and therefore in society, from childhood and adolescence.

¹Licenciada em Letras. Professora na Rede Pública Estadual de Santa Catarina; E-mail: marinasanches.bc@hotmail.com

²Dra em Ciências Humanas, pos doc em Tecnologia. Docente UFPR Litoral. E-mail: nadiathe@gmail.com

INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços pelas quais a sociedade vem passando, as relações entre meninos e meninas nos pátios escolares são inquietas. Essa inquietação também acontece em outros ambientes, como na sala de aula, na sala dos/das professores/as, em reuniões pedagógicas, nos registros da orientação, incluindo-se os livros didáticos.

Tornou-se a escola um lugar propício para a discriminação, influenciando na separação entre meninas e meninos e determinando-se os comportamentos destinados a esses sujeitos. Vale lembrar que é na sociedade que as características femininas e masculinas são construídas e, portanto, ao chegarem à escola meninos e meninas reproduzem os seus conceitos e valores vivenciados através da sua cultura. Nesse trabalho, enfocaram-se a promoção do diálogo e o debate desse tema, fazendo com que os alunos e as alunas refletissem sobre seus sentimentos e emoções, problematizando-se desigualdades construídas de gênero.

O sexismo ocorre na sociedade e entre os/as docentes, e desse modo, o presente trabalho tornou-se mais abrangente, possibilitando refletir também a partir das atitudes dos e das profissionais a educação em relação a separação entre meninos e meninas, sendo na organização das fileiras, nas atividades propostas e até mesmo nas idas para a coordenação pedagógica. O termo sexismo refere-se ao conjunto de ações e ideias que privilegiam determinado gênero ou orientação sexual em detrimento de outro gênero (ou orientação sexual). Embora seja constantemente usado como sinônimo de machismo é na verdade um hiperônimo, já que é possível identificar diversas posturas e ideias sexistas (muitas delas bastante disseminadas) que privilegiam o gênero masculino em detrimento do feminino. Demonstra-se neste trabalho a possibilidade de aliar docentes, discentes e todo sujeito envolvido diretamente ou indiretamente da escola.

As relações de gênero carecem de serem trabalhadas nas escolas brasileiras; a escola além do ensino formal acaba sendo responsável por um amplo campo de ações e reflexões, um lócus de formação de valores e de ações capazes de romper com os paradigmas tradicionais que trazem desigualdades e sofrimentos. Reconhecer as diferenças entre as pessoas, e no caso, as que dizem respeito a sentimentos, desejos e ações de meninos e meninas, não pode significar fomentar as desigualdades entre os gêneros. A diferença representa a diversidade que é a

humanidade e das sociedades. As sociedades avançaram para sustentar os mesmos direitos e oportunidades a homens e mulheres. Assim, os objetivos desse trabalho foram: a) Refletir sobre a separação entre meninos e meninas nas práticas pedagógicas e nos pátios escolares; B) Refletir sobre as relações de gênero na escola; C) Questionar as práticas pedagógicas; D) Analisar as brincadeiras entre meninos e meninas nos pátios escolares.

METODOLOGIA

A metodologia selecionada foi a qualitativa. Mediante questionários, atividades, debates e reflexões, buscou-se descrever e compreender os comportamentos entre meninos e meninas nos pátios escolares, relacionando-os com a questão de gênero na sociedade. A forma qualitativa tem caráter exploratório, isto é, estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Mostra aspectos subjetivos e atinge motivações não explícitas, de maneira espontânea. É utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação. Sendo assim, reconhece os significados construídos pelos sujeitos envolvidos.

A pesquisa abrangeu o tema: Reflexões sobre a menina que joga bola e o menino que conta história numa escola estadual de Itajaí. Um tema que aparece fortemente, diariamente, e torna-se necessário discutir em nossas escolas.

Para abordagem deste assunto, desse tema, focou-se nas pesquisas bibliográficas e primeiramente, foi necessário compreender como acontece a diferenciação entre meninos e meninas não só no ambiente escolar, mas também em outros espaços. Além da reflexão sobre as relações de gênero da escola realizaram-se questionamento das práticas pedagógicas; reflexão e análise de brincadeiras e comportamento de meninos e meninas nos pátios escolares; dentre outros assuntos.

A fundamentação teórica deste trabalho elaborou-se no decorrer do período Julho/2015 à Janeiro/2016, e obedeceu ao seguinte cronograma: Definição da questão problema; definição das palavras chave; definição dos objetos de pesquisa; escrita da justificativa; levantamento das referências; leitura das referências; definição da metodologia; estudo da fonte; análise dos dados; elaboração deste artigo e entrega. Onde, desenvolveu-se em uma turma do 7º ano do ensino fundamental e os resultados e discussões são apresentados no próximo tópico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na contemporaneidade, têm-se discutido sobre a escola mista, defendendo-se os ideais da coeducação, ocorrendo desta forma a crítica da escola tradicionalista que separa atividades de meninos e de meninas. A afirmação da igualdade e de direitos humanos tem abrangido a questão de gênero: porque o menino não pode fazer uma atividade de menina e vice versa?

Auad (2012, p. 15) afirma:

[...] a categoria gênero funciona como os óculos que permitem enxergar e analisar a coeducação e a escola mista para meninos e meninas como cenário e pano de fundo.

A separação de atividades de gênero também acontecem em outros ambientes, como na sala de aula, na sala dos professores, em reuniões pedagógicas, nos registros da orientação e até nos livros didáticos.

A escola mista não têm-se todos os pressupostos necessários para a coeducação, desta maneira outras práticas incorporam-se para chegar ao que é desejado, algumas medidas relacionam-se com o tema, tais como: descrevendo-se e analisando-se as práticas diárias nos pátios escolares, combinando-se estes registros com as interpretações em outras realidades. Mas, na realidade o estudo dos gêneros são importantíssimos, mas infelizmente são pouquíssimos os estudos científicos. Onde, a compreensão de gênero entre crianças, bem como pesquisas nesta área, registros e análises, facilitariam e esclareceriam o assunto com eficiência. Quando Auad (2012, p. 78) relata-se que meninos e meninas são apenas receptores passivos de imposições externas, descreve-se da seguinte maneira:

Uma menina que brinca ao lado dos meninos. Um menino que se recusa a andar na fila destinada aos meninos. Uma professora que não separa os assentos das carteiras pelo sexo das crianças. Meninos e meninas que passam o recreio cantando e dançando juntos. Um professor capaz de tolerar igualmente a indisciplina de meninas e meninos. Todas essas ações individuais ou em pequenos grupos cujo efeito é a formação de núcleos de resistência às relações de gêneros tradicionais. Assim, a ação dos sujeitos é, sem dúvida, importante para a transformação da realidade cotidiana.

Desde a infância, as crianças sofrem muito a influência da sociedade e seus padrões de cultura e tradição. No decorrer do desenvolvimento das crianças, suas habilidades são desenvolvidas, onde passando-se o tempo, demonstraram-se e comprovaram-se as aptidões que a criança adquiriu, enfatizando-se o que a criança gosta de fazer. É de suma importância ressaltar-se que a influência do ambiente externo é muito forte, ou seja: família e a escola. Louro (2014, p. 32) descreve-se que a escola é produtora de diferenças, distinções e desigualdades, devido a predominância do tradicionalismo da sociedade, sendo assim descreve algumas formas para evitar as desigualdades entre meninos e meninas:

Essa perspectiva elucida que os sujeitos não são assim tão “sujeitados” e, em pequenas e cotidianas recusas e afirmações; os “nãos” vão se mostrando contidos nos gestos e nas falas daqueles que resistem. Por um lado, a escola, na sociedade ocidental em que vivemos, legitima e transmite modelos masculinos e femininos tradicionais. Há um conjunto de atividades e acontecimentos escolares condizentes com as relações do gênero predominantes, tradicionais e bipolares em vigência na nossa sociedade. Por outro lado, essa mesma escola também reformula os modelos masculinos e femininos tradicionais. Na escola, há também um conjunto de atividades e acontecimentos motivadores de novos e alternativos arranjos e exercícios acerca do masculino e do feminino. Tais arranjos e exercícios são diferentes daqueles socialmente esperados e em vigência.

Desta maneira, muitos papéis absorveram-se pelas crianças sobre os gêneros passando-se primeiramente pela família e posteriormente trabalhando-se na escola mista. No ambiente escolar, as crianças têm-se a oportunidade de brincar em grupos com as crianças dos dois gêneros, desenvolvendo-se desta forma habilidades necessárias, interagindo-se com meninos e meninas. Auad (2012, p. 23) relata-se que o ponto de vista da sociedade é que os homens sempre dominam e as mulheres são sempre dominadas, onde sua perspectiva:

Questionar, e não imediatamente negar, o que percebemos como tipicamente feminino ou tipicamente masculino pode ajudar a notar como muitas diferenças entre homens e mulheres não são naturais. Há de se duvidar do que é visto como “coisa de mulher” ou como “papo de homem”. Termos como esses podem revelar concepções desiguais dos sujeitos. E as desigualdades acabam por ditar do que meninas boazinhas devem brincar, o que homens fortes devem fazer, do que toda

mulher honesta deve fugir e como um menino corajoso deve se comportar. [...] O contrário da igualdade não é a diferença. O contrário da igualdade é a desigualdade. Uma diferença pode ser culturalmente enriquecedora, ao passo que uma desigualdade pode ser um crime.

Vários fatores pode-se e trabalhar-se, dentre eles: exposição das crianças a combinação de brinquedos e atividades estereotipadas femininas e masculinas; evitando-se exposição a comentários generalizados; criando-se ambientes alegres que atraiam a atenção tanto de meninos quanto de meninas; questionando-se e trabalhando-se preconceitos, quebrando-se paradigmas pré formados pela sociedade; demonstrando-se que meninos podem fazer atividades de meninas e vice versa; estruturando-se e organizando-se as atividades em grupos dos dois gêneros objetivando a interação tanto com menino quanto com menina; dentre outros.

Auad (2012, p. 22) descreve os paradigmas que podem ser quebrados:

Portanto, o modo como percebemos cada um dos gêneros pressupõe oposição e polaridade. O feminino é associado, na maioria das vezes, à fragilidade, à passividade, à meiguice e ao cuidado. Ao masculino correspondem atributos como a agressividade, o espírito empreendedor, a força e a coragem. Muitos são os adjetivos que podem ser citados, mas fato é que a maioria dos atributos presentes em um gênero está excluída automaticamente do outro. Em poucas palavras, pode-se dizer que sexo é percebido como uma questão relativa à biologia, enquanto o gênero é uma construção histórica a partir dos fatos genéticos.

Estimulando-se a promoção do diálogo e o debate do tema, faz-se com que os alunos e alunas reflitam sobre seus sentimentos e emoções, problematizando e desconstruindo preconceitos de gênero. Na realização desse trabalho, dentro de uma turma de 7º ano do ensino fundamental, além da observação dentro e fora de sala de aula, notou-se a diferença de comportamento, mais uma vez constatando a influência do ambiente externo. Elaborou-se assim, uma atividade a ser aplicada na turma.

No dia estiveram presentes 28 alunos, sendo 16 meninas e 12 meninos. Essa atividade objetivou a identificação dos “paradigmas” de gêneros construídos. Solicitou-se que descrevessem os quesitos que consideravam estar de acordo, e ser característica do gênero masculino e feminino: 1. Brincadeiras; 2. Cores; 3.

Comportamento; 4. Separação; 5. Recreio; 6. Atividade; 7. Escola; 8. Professores. Por fim, foi feito um debate cada um expondo o seu ponto de vista, e as folhas foram entregues a mim. Desta maneira, segue abaixo alguns questionários de alunos da turma:

1. Brincadeiras – Eu acho que aqui na escola os meninos jogam bola e as meninas jogam vôlei ou ficam mexendo no celular. 2. Cores – Preconceito com meninos usando roupas rosa, já as meninas podem usar qualquer cor. 3. Comportamento – Hoje na escola eu percebo que as meninas estão com o comportamento pior do que os meninos. 4. Separação – Pessoas quietas na sala não se dão bem com os mais conversadores. 5. Recreio – Nem sempre tem grupinho de meninas com meninos, normalmente são meninos com meninos; e; meninas com meninas. 6. Atividades – Os meninos fazem mais atividades física do que a maioria das meninas. 7. Escola – Na escola meninos e meninas se dão bem. Mas, existe aqueles mais barraqueiros que não gostam de quase ninguém. 8. Professores – Eu não acho que os professores dão mais atenção para meninos ou meninas, eu acho que eles dão atenção para os alunos mais espertos, mas não são todos. (Aninha, 13 anos).

1. Brincadeiras – Nas brincadeiras, acredito que há certa diversidade entre meninos e meninas, pois alguns meninos gostam de jogar vôlei com as meninas e algumas meninas gostam de jogar futebol com os meninos. 2. Cores – As cores são algo pessoal de cada um, relacionados as cores não existem rótulos, assim como eu posso gostar de azul e o fulano pode gostar de rosa. 3. Comportamento – Acredito que em minha sala, algumas meninas são menos comportadas que os meninos. 4. Separação – Sim, e muitas vezes. Porém, eles mesmos (meninos e meninas) criam essa separação, mas acredito que tudo é questão de convívio. 5. Recreio – Às vezes sim, porque alguns meninos não gostam da companhia das meninas e criam seu próprio grupinho e vice versa. 6. Atividades – Nas atividades, as meninas até tentam fazer outras atividades, mas sempre tem alguém dizendo: “Isso é coisa de menino”. Eu acho isso um saco! 7. Escola – Na escola, com as meninas que aprontam a escola leva digamos que “na boa”, e no caso dos meninos chamam os pais na mesma hora. 8. Professores – Os professores são muito diversos, eles tratam meninos e meninas igualmente. (Nathy, 13 anos).

1. Brincadeiras – Eu acho que os meninos não acham certo que as meninas joguem ping pong. 2. Cores – Aqui na escola ninguém tem preconceito com as cores, se tem algum menino com a cor rosa, ninguém fala nada, ou se tem uma menina de preto não falam nada também. 3. Comportamento – Aqui na

escola os meninos e as meninas se comportam do mesmo jeito que os meninos, um comportamento horrível. 4. Recreio – No recreio sempre tem grupinhos. Exemplo: meninos com meninos, meninas com meninas ou meninos com meninas. 5. Separação – Aqui na sala todos podem fazer coisas iguais, não é só os meninos que colam e as meninas recortam. Os meninos e as meninas fazer as mesmas coisas. 6. Atividades – Eu acho que nas atividades em dupla menina vai com menino, não tem nada de menina com menina e menino com menino. Isso é bem normal. 7. Escola – Aqui na escola os diretores colocam muita culpa nas pessoas erradas, e quando acontece de fazer coisa que não deve todos levam a culpa. 8. Professores – Aqui na escola os professores são bem exigentes, e também quando é em dupla eles deixam escolher quem a pessoa quer sentar. (Duda, 12 anos).

1. Brincadeiras – É que os meninos e as meninas deveriam criticar menos a brincadeira um dos outros e participar. 2. Cores – Acho que as meninas deveriam parar de criticar os meninos por usarem peças de roupa da cor rosa, coisa que os meninos odeiam. 3. Comportamento – Os meninos conversam mais, mas também é só alguns, se for comparar um dia tudo, as meninas são chamadas mais a atenção. 4. Separação – Os mais nerds vão para um lado e os mais burros para outro. 5. Recreio – Os meninos ficam mais para um lado e as meninas para o outro. 6. Atividades – É que os meninos deveriam deixar as meninas participar mais das coisas, do tipo no vôlei, no ping pong, etc. 7. Escola – Fala mais mal dos meninos do que das meninas. 8. Professores – Os professores não são assim, pois tratam todos iguais. (Guga, 14 anos).

1. Brincadeiras – Por mim, as brincadeiras são todas usadas por meninos e meninas. Não temos essa coisa que o menino é marica e a menina é machinho. 2. Cores – Sobre as cores, hoje em dia os homens estão usando muito o rosa e as meninas qualquer tipo de cor. Na minha opinião, não gosto muito de usar o rosa, quanto as meninas qualquer cor fica bom. 3. Comportamento – Na nossa escola temos muitos meninos atrevidos, mas na sala as meninas ganham no mal comportamento. 4. Separação – As meninas são de ficar conversando pelos cantos. 5. Recreio – No recreio, os meninos ou jogam bola ou estão jogando ping pong e as meninas rodando na escola conversando. 6. Atividades – Na educação física os meninos estão jogando bola, ping pong ou vôlei. Já, as meninas estão jogando vôlei e estão dentro de sala conversando ou ouvindo música. 7. Escola – Os meninos conversam sim com as meninas. Mas, a maioria das vezes é em sala de aula. 8. Professores – Alguns professores separam sim outros não, deixam junto conversando. (Neno, 13 anos).

1. Brincadeiras – Eu acho que nas brincadeiras, não tenho nada contra; porque menino pode brincar de corda e menina pode brincar de bola. 2. Cores – Na minha opinião menino pode usar rosa, porque não tem nada a ver com as cores e meninas podem usar preto ou azul. 3. Comportamento – Eu acho que tem meninos que avacalham mais as meninas também bagunçam. Na nossa sala as meninas incomodam mais. 4. Separação – Tem sim separação. Cada um tem seu grupinho e os menos importantes ficam sozinhos. 5. Recreio – É mais isolado os meninos das meninas. 6. Atividades – Até tem meninos que jogam vôlei com meninas. Mas, na maioria não acontece. 7. Comportamento – Mal comportamento dos alunos (meninos e meninas). Porque querendo ou não sempre tem um que estraga a escola na hora do recreio. 8. Professores – Os professores brigam mais com a sala toda não só com meninos ou meninas. (Vini, 13 anos).

Dentro das atividades citadas acima, efetuaram-se amostragens, onde foram retirados 6 questionários aleatoriamente dos 28 questionários realizados. Ficou-se claro a coerência das informações, demonstrando-se como os meninos e meninas se encontram totalmente cientes de suas opiniões. As opiniões diferem devido à idade e o grupo onde estão inseridos, mas todos têm coerência e a mesma linha de raciocínio. Demonstrou-se clara a aceitação que meninos e meninas podem e devem fazer as mesmas atividades são inclusivos, os quais não apresentam preconceitos deste gênero. Benevides (1996, p. 75) descreve sobre o direito de igualdade de meninos e meninas quanto a segurança da seguinte maneira:

[...] Ora, o direito a segurança pressupõe, evidentemente, o risco da insegurança – risco esse não apenas patrimonial, como infelizmente tem sido tão valorizado, mais do que, até mesmo, o direito à vida, mas o risco da insegurança no plano da integridade física. E se o direito à segurança é um direito essencial a todo ser humano, faz parte do conjunto de direitos fundamentais da pessoa humana, faz parte dos Direitos Humanos.

Desta maneira, um dos pressupostos centrais desse estudo, é a elaboração de metas a serem seguidas através do diálogo, onde educação, democracia e cidadania precisam estarem aliados neste processo.

Enfim, neste trabalho demonstrou-se a possibilidade de aliar docentes, discentes e todo sujeito envolvido diretamente ou indiretamente da escola. Assim diz Louro:

O que está em jogo nesses recorrentes debates sobre a moralidade e o comportamento sexual? Está presente, claramente, uma série de preocupações diferentes mas relacionadas: as relações entre homens e mulheres; o problema do desvio sexual; a questão da família e de outros relacionamentos; as relações entre adultos e crianças; a questão da diferença, seja de classe, gênero ou raça. Cada uma dessas tem uma longa história, mas nos últimos duzentos anos elas se tornaram preocupações centrais, frequentemente se centrando ao redor de questões sexuais. Ela ilustram o poder da crença de que os debates sobre a sexualidade são debates sobre a natureza da sociedade: tal sexo, tal sociedade. (Louro, 2013. p. 54).

Ainda com Louro (2014, p. 28), consideramos que discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos remete a análise das relações inter pessoais. O gênero é constituinte da identidade dos sujeitos, assim, vê-se frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tornou-se de fundamental importância para o estudo dos gêneros, ou seja, baseando-se na igualdade entre meninos e meninas. Todos tem direito de igualdade, onde podem e devem escolher o que melhor se encaixa em suas habilidades, aptidões e gostos.

A cultura construída de uma sociedade discriminatória e sexista deixa marcas dessas características individualizando cada sexo. Problematizam-se aqui, questões a serem trabalhadas uma vez que a humanidade é diversa, dentro do mundo globalizado. Espera-se com esse trabalho, apontar formas de mudar as visões sexistas nas escolas, enfatizando e demonstrando a importância do trabalho com a diversidade.

Neste contexto, considera-se a importância da influência familiar; os paradigmas conservadores e como as crianças trazem para a escola o que vivenciam em seus lares.

Nos questionários, desvelaram-se várias opiniões diferentes, observando-se que são de uma mesma turma, mas que as ideias são coerentes, demonstrando suas opiniões de acordo com a idade apresentada. Nas diferentes formas de pensar, esses meninos e meninas parecem conviver sem grandes conflitos, apenas com as

idiossincrasias da infância, e parece, que os adultos – famílias, docentes - apresentam mais preconceitos de gênero do que as crianças.

Havendo separações por parte dos docentes e discentes, fica inviável acreditar que as relações de gênero estão sendo trabalhadas nas escolas brasileiras, pois a escola além de ensinar acaba sendo um imenso campo de ações e reflexões, um lugar de formação de princípios, criadora de mudanças que possam romper com os paradigmas tradicionais. É preciso reconhecer as diferenças no que diz respeito a sentimentos, desejos e ações de meninos e meninas, e efetivar o trabalho para que essas diferenças não se transformem em desigualdade.

Enfatiza-se que é de suma importância o trabalho sobre a reflexão das práticas pedagógicas adotadas na escola; efetivar-se o trabalho de grupos entre meninos e meninas; igualar-se o trabalho com os gêneros na escola; analisar-se o comportamento dentro e fora de sala, trabalhando-se com os/as alunos/as que estão sendo discriminados em algum momento; dentre outras atividades relacionadas.

Este trabalho também evidenciou que muito ainda falta ser feito, e para tanto, necessita um apoio maior das escolas, pois, infelizmente grande parte dessas não se preocupa com essas questões, fundamentais para o desenvolvimento humano, a busca da cidadania e da equidade de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **Educação para a Democracia.** São Paulo: Lua Nova, 1996.

LOURO, Guaciara Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

_____. et al. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SIERRA, Jamil Cabral; SIGNORELLI, Marcos Claudio. **Diversidade e educação:** intersecções entre corpo, gênero e sexualidade, raça e etnia. Matinhos: UFPR Litoral, 2014.